

CIDADES PEQUENAS: O PAPEL DE UMA ARQUITETA-URBANISTA- CARTÓGRAFA NA CONTEMPORANEIDADE

LUANA PAVAN DETONI¹; EDUARDO ROCHA²

¹Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFPel – luanadetoni@gmail.com

²Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFPel – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A partir dos estudos sobre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia da diferença, esse trabalho apresenta os resultados, ainda em construção, da pesquisa intitulada “CIDADES PEQUENAS: território de um devir menor na contemporaneidade”, desenvolvida no PROGRAU/UFPel. Na pesquisa foram abordadas as adversidades da arquitetura e do urbanismo quanto à apreensão do território das cidades pequenas, considerando a atualidade e os possíveis desejos de intervenção. Com o objetivo de aprender com os modos de vida e os lugares experienciados nas cidades pequenas, a fim de sugerir pistas sobre a prática de planos, projetos e intervenções urbanas, que possam atuar como potências na contemporaneidade.

O território das cidades pequenas na contemporaneidade apresenta a potência de um devir menor. Noção construída através dos encontros teóricos (i) com o conceito de fronteira (DELEUZE, 1997), experienciado entre o campo e a cidade; (ii) com o conceito de literatura menor (DELEUZE; GUATTARI, 2014), experienciado nos modos de subjetivação; e (iii) com o conceito de desejo (DELEUZE; GUATTARI, 2010 e ROLNIK, 2006) que experiencia a condição da contemporaneidade nas cidades pequenas. “Não são três momentos sucessivos em uma evolução. São três aspectos em uma só e mesma coisa, o Ritornelo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 102).

Embora pouco abordada nas diversas áreas acadêmicas, os estudos sobre as cidades pequenas denota uma temática complexa, a começar pela classificação desses territórios. No Brasil, estatisticamente, 83% dos municípios têm população inferior a vinte mil habitantes, ou seja, pertencem à classe das cidades pequenas (SOARES; MELO, 2010). Para esta pesquisa, a classificação das cidades pequenas, vai além das variáveis de localização, densidade demográfica, crescimento populacional, economia, dimensão territorial, formação histórica, inserção regional, visto que é fundamental também o entendimento sobre suas características, seus cotidianos, suas funções e suas formas.

A pesquisa apoiada no método da cartografia capturou cenas, através de encontros dos planos extensivos e intensivos nas cidades pequenas localizadas na microrregião de Pelotas/RS. As cidades de pequeno porte podem ser classificadas como cidades dormitórios, cidades de passagem, cidades isoladas, cidades economicamente arruinadas. No entanto, são as cidades pequenas que se encontram na fronteira entre o campo e a cidade que interessam a esta pesquisa. Cidades que apresentam vivências e formas singulares, que não estão estagnadas a favor da preservação das suas essências, e que também não são passíveis as representações impostas pela urbanização, mas se encontram na inflexão destes movimentos.

2. METODOLOGIA

“As cidades são locais fantasticamente dinâmicos, o que se aplica inteiramente a suas zonas prósperas, que propiciam solo fértil para os planos de milhares de pessoas” (JACOBS, 2000, p. 8). Reconhecer que existem singularidades e interesses distintos neste contexto é fundamental para a atuação do arquiteto e urbanista que se propõem a ação de planejar e projetar nas e para as cidades. Quase que contraditoriamente as concepções que definem planos e projetos, na perspectiva do urbanismo contemporâneo, desejam-se processos que permitam que a vida aconteça, transformando o produto final em elemento não hierarquizável, aberto no continuum do espaço e do tempo.

“Um processo que, al terminar, permita dejar unas condiciones abiertas para que la vida opere, igual cuando se planta un árbol” (GUALLART, 2008, p.5). Em consonância com as ideias de Vicente Gualart, a arquiteta-urbanista-cartógrafa pretende pesquisar de modo a deixar condições abertas para que a vida possa atuar nas cidades pequenas. No entanto, não como uma árvore, mas sim em um devir menor, como uma grama. A árvore, modelo representativo da raiz-pivotante ou fasciculada, segue uma lógica binária, articula e hierarquiza os decalques. A árvore é filiação, impõe o verbo “ser”. A grama, modelo representativo do rizoma, não segue uma lógica estrutural ou gerativa, é cartografia, mapa, e não decalque. O rizoma, é aliança, não tem início nem fim, se encontra sempre no meio, no entre as coisas, tem como tecido a conjunção “e... e... e...” (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

O método da cartografia possibilita a apreensão das cidades pequenas vista pela lógica das heterogeneidades presentes na contemporaneidade, através do plano da experiência, pesquisa-intervenção, por processos rizomáticos. Os resultados desta pesquisa cartográfica, ainda em construção, demonstram a importância entre o interesse da ciência que investiga e o interesse próprio da investigadora sobre as cidades pequenas. Na cartografia “o pesquisador sai da posição de quem – em um ponto de vista de terceira pessoa – julga a realidade do fenômeno estudado para aquela posição – ou atitude (o ethos da pesquisa) – de quem se interessa e cuida” (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014, p. 29). Na experiência de arquiteta-urbanista-cartógrafa, a pesquisadora coloca-se em uma dimensão interativa, conferindo ao trabalho um sentido de cuidado às atividades de plano e projeto do urbanismo contemporâneo; e também às intervenções e práticas pedagógicas na contemporaneidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As cidades pequenas cartografadas nesta pesquisa demonstram uma condição de “contra-urbanismo”, algumas cidades surgiram espontaneamente e receberam uma páina da vida. No entanto, além da ausência de planos e projetos na sua concepção, as cidades pequenas seguem sobrevivendo sem diretrizes para a implantação de medidas de ordem técnica, econômica, social ou política, provenientes das práticas do planejamento urbano, regulamentadas pelo plano diretor. E também, muitas vezes, sem a atividade técnica de criação para as intervenções no espaço urbano, ou seja, sem projetos urbanísticos de loteamento, regularização fundiária, sistema viário, acessibilidade, entre outros.

A atividade dos arquitetos e urbanistas em geral está voltada para as grandes e médias cidades. O Estatuto da Cidade (2002), por exemplo, traz essa concepção no seu conteúdo, onde grande parte dos instrumentos está direcionada aos processos de verticalização, de expansão periférica e da falta de

habitação. Ressalta-se que no capítulo II da Política Urbana, o Estatuto apresenta como objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes. Contudo, o plano diretor, instrumento básico dessa política de desenvolvimento, é obrigatório apenas para as cidades com mais de vinte mil habitantes. Fato que exclui a maioria dos municípios, para os quais o país não tem política específica, a não ser que as leis orgânicas estaduais ou municipais o determinem, ou que os municípios, voluntariamente, desejem implementar o plano diretor.

As cidades pequenas, sem ordenamentos previsíveis e controladores, podem ser vistas como cidades selvagens. Livres dos aspectos negativos e dos rigores formais, que remetem a artificialidade e a assepsia, característicos das práticas da arquitetura e do urbanismo em domesticar. Contudo, a intenção de um plano ou de um projeto é sempre positiva. Os arquitetos e urbanistas atuam em prol de resolver ou amenizar os problemas, qualificar os espaços, em síntese para tornar melhor a vida urbana, em cidades, em sociedades.

A produção do espaço urbano das cidades pequenas na contemporaneidade mostra além do presente momento também as aspirações da representação da “modernidade”. As modificações frutos desse desejo oferecem formas, objetos, conteúdos e problemas até então exclusivos de núcleos maiores, seu consumo e sua consumação incorporam as novas formas aos modos de vida (BAUMGARTNER, 2010). O desejo da cidade grande e o desejo da cidade pequena visto pelo conceito nietzschiano de “eterno retorno”, continuado por Deleuze (1988), são faces da mesma moeda. Como uma chave para ultrapassar certos antagonismos, e atingir relações de complementariedade e sobreposição. Coexiste no desejo da cidade pequena um desejo da cidade grande, através de símbolos do desenvolvimento, a população deseja o shopping e o asfalto. Também no desejo da cidade grande coexiste um desejo da cidade pequena, que é exaltado pelas condições de segurança, tranquilidade e qualidade de vida.

Em meio à trivialidade do dia a dia, essas pequenas cidades mantêm certa originalidade em seus hábitos, diferenciando-se do simulacro que ocorre nas grandes cidades. Por exemplo, as relações de vizinhança, não são criadas ou idealizadas, são atos de resistência. Para Michel Foucault (1987) onde há poder, há resistência. Afirmação que indica os limites da disciplina, da relação de docilidade e utilidade dos sujeitos. Nesta pesquisa se adverte a relação de ordem da urbanização, tais limites, bordas, fronteiras estão sujeitas a procedimentos capilares. Microrresistências, segundo Michel de Certeau (2014), movidas por práticas cotidianas antidisciplinares, as chamadas “táticas” ou “maneiras de fazer”. Capacidade criativa, de astúcia, de produção de resistências diante das chamadas “estratégias” do poder.

4. CONCLUSÕES

A cidade pequena expressa por um devir menor, articula táticas no cotidiano imposto pela cidade grande, resiste às políticas impostas pelo urbanismo com referência nas metrópoles. Esse “devir minoritário é um caso político, e apela a todo um trabalho de potência, uma micropolítica ativa” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 78). Pesquisar sobre as cidades pequenas rompe com os estudos corriqueiros e tradicionais em arquitetura e urbanismo e aponta uma questão pedagógica nesse movimento de aprender com essas cidades. Esta pesquisa quando traspõem os lugares comuns, os estudos óbvios e por vezes ultrapassados, apresenta também uma possível contribuição das pistas da arquiteta-urbanista-cartógrafa para os princípios e métodos de ensino em

arquitetura e urbanismo.

“A única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo” (GUATTARI, 1992, p.33). As cenas experienciadas nas cidades pequenas estão diretamente relacionadas ao conceito de “produção de subjetividade” proposto por Félix Guattari (1992), sendo preciso considerar a singularidade de cada indivíduo. A ação da arquiteta-urbanista-cartógrafa na contemporaneidade requer flexibilidade, elasticidade, habilidade, agilidade, disposição. “Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida competência”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMGARTNER, W. H. Diferenças e repetições na produção do espaço urbano de cidades pequenas e médias. In: LOPES, D. M. F.; BAUMGARTNER, W. H. (Org.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010, p. 45 - 58.
- BRASIL. **Estatuto da Cidade e Legislação Correlata**. Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de saber fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 4**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- GUALLART, V. **Geologics: geografía, información, arquitectura**. Barcelona: Actar, 2008.
- GUATTARI, F. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica – Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MARINHO, G.; POZZOBON, R. M. Plano Diretor para Pequenos Municípios. In: ROLNIK, R. (Org.). **Plano Diretor Participativo: guia para a elaboração pelos municípios e cidadãos**. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/>>. Acesso em 16/05/2017.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.(Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- SOARES, B. R.; MELO, N. A. Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, D. M. F.; BAUMGARTNER, W. H. (Org.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010, p. 229 - 247.